

AS CARTAS DE LEITORES A PARTIR DE UM ENFOQUE TEXTUAL-INTERATIVO: A PARENTETIZAÇÃO

Márcia Valéria Seródio Carbone¹ (FEMA)

RESUMO

Destinamo-nos a analisar a parentetização nas *cartas de leitores* a jornais e revistas. Essas cartas existem para que os leitores possam expressar o ponto de vista. Elas se configuram num evento comunicativo complexo: implicam a existência de outro fato anteriormente comunicado. Respaldamo-nos aqui em trabalhos sobre a parentetização na língua falada, a partir da perspectiva textual-interativa. Assim, o estudo da parentetização aparece num contexto mais amplo, o da inserção, razão pela qual se opera aqui com unidades transfrásticas. A revisão dos processos de parentetização à luz da categoria de tópico discursivo amplia e remodela o conjunto de fatos de inserção.

Palavras-chave: cartas de leitores; parentetização; textual-interativa; transfrástica.

RESUMEN

Nos proponemos a analizar lo que se designa “paréntesis” en las *cartas de los lectores* a periódicos y revistas. El papel de esas cartas es el de hacer que los lectores puedan exponer su punto de vista. Por consiguiente, se caracterizan tales textos en un hecho comunicativo complejo, pues suponen la existencia de otro hecho anteriormente comunicado. Tomamos por base los estudios sobre el paréntesis el habla, desde la perspectiva textual-interactiva. Así se concibe el paréntesis como algo más amplio, o sea, de la inserción, razón por la cual se trabaja aquí a partir de unidades que trasponen el límite de la frase.

Palabras-llave: cartas de lectores; paréntesis; hecho comunicativo; inserción.

1. Introdução

Analisar a parentetização nas *cartas de leitores* a jornais e revistas é o que nos propomos aqui. As cartas (todas respondidas ou publicadas) são instrumentos que existem para que os leitores possam expressar o ponto de vista. Trata-se também de um evento comunicativo complexo, já que implica a existência de outro fato anteriormente comunicado. Num primeiro momento, temos o redator do jornal (ou revista) como emissor de uma mensagem e os possíveis leitores como receptores. Num segundo momento, esse leitor, influenciado ou não pelo que leu, torna-se emissor de determinada mensagem e tem, na Redação do jornal ou da revista, o seu ponto de chegada (o receptor), que poderá ou não repassar essa mensagem do leitor a outros receptores, processando outro evento comunicativo.

Embora trabalhando com texto escrito (as cartas de leitores), espelhamo-nos em trabalhos sobre a parentetização na língua falada. Dentro da perspectiva textual-interativa, o estudo da parentetização aparece num contexto mais amplo, o da inserção, eis porque nos utilizamos das unidades transfrásticas. A (re)visão dos processos de parentetização à luz da categoria textual-interativa de tópico discursivo, e não exclusivamente a partir de critérios sintáticos operantes no plano da frase, amplia e remodela o conjunto de fatos de inserção que podem ser considerados dentro da classe dos parênteses, não apenas na modalidade falada, mas também na escrita, como caso específico de cartas de leitores. É o que podemos comprovar a partir de um conjunto de 80 parênteses detectados num *corpus* formado por cartas de leitores aos jornais *Folha de São Paulo*, *Estadão* e às *Revistas Veja* e da *TVA*, nos quais ficam evidentes as duas realizações de parênteses: frástica e transfrástica.

2. Língua Falada e Língua Escrita: algumas considerações

A Gramática do Português Falado, sob a ótica textual-interativa, pressupõe uma opção quanto às diferentes formas de conceber a linguagem. O objetivo do Projeto “Gramática do Português Falado” é a *descrição do sistema de desempenho linguístico*, bem como a *delimitação de seu objeto de estudo*, baseado na *sistematicidade da atividade discursiva*. Coloca-se, assim, a necessidade de uma concepção de linguagem coerente com a visão textual-interativa. A partir dessa perspectiva, concebe-se a linguagem como uma *forma*

¹ E-mail: marciacarbone20@gmail.com

de ação (atividade verbal exercida entre pelo menos dois protagonistas, numa localização contextual, levando-se em conta as circunstâncias da enunciação). É de fundamental importância que, a propósito dessa descrição textual-interativa, o texto - unidade global de análise e produto linguístico marcado pela dinâmica de atuação interacional - seja abordado dentro do contexto sócio-comunicativo de onde emergiu.

Na efetivação da competência comunicativa de produção e recepção de textos, destacam-se *regularidades* que apontam para a existência de um *sistema de desempenho linguístico*, de cuja descrição se ocupa o PGPF (Programa de Gramática do Português Falado). Essa concepção de sistema (estruturas linguísticas e suas formas de processamento) possibilita situar o texto como unidade de análise. A análise dos dados do texto facilita a apreensão das regularidades de subsistemas, entendidas aquelas como princípios constitutivos (restrições) e de processamento das estruturas (escolhas). Quanto ao texto, pressupõe-se que as regularidades se manifestam como princípios de estruturação, definidos pelo caráter sistemático de determinados procedimentos de formulação textual, pelas marcas formais que os caracterizam e pelo preenchimento de funções que lhe são específicas.

É característica marcante da LF (língua falada) o contexto conversacional. O texto da conversação, resultante de uma atividade a “duas vozes”, ocorre num contexto específico: o ambiente extralinguístico, ou seja, a situação imediata. A conversação é um evento de fala que centraliza a interação verbal. Nesse caso, é necessária apenas a identidade temporal dos falantes, e não a espacial: no caso de comunicações que fazem uso da tecnologia, a interação face a face é dispensável. Por outro lado, o contexto da LE (língua escrita) é caracterizado pelo fato de o escritor e o leitor não ocuparem, ao mesmo tempo, o mesmo espaço. Consequência desse lapso de tempo, em maior ou menor grau, é a distância entre os atos de elaboração e leitura do texto escrito.

Quanto ao planejamento discursivo, na perspectiva da LF, a conversação parte, geralmente, do tópico que motivou o interesse, entendendo-se tópico como aquilo a respeito de que se fala. Rodrigues (1993, p.20) salienta que a primeira dimensão do processo de planejamento do discurso é o planejamento temático, já que a conversa sempre gira em torno de um assunto ou tema. A conversação espontânea pode até sugerir algum grau de planejamento, mas não a formulação verbal planejada. Na LF, a tendência é para o não-planejado, ou, na visão de Ocks (apud Rodrigues, 1993, p.20), “a língua falada é planejada localmente, atividade ministrada passo a passo”.

No tocante ao planejamento ou não-planejamento, a posição do texto escrito é bem outra. Além do planejamento temático, o texto escrito se caracteriza pelo planejamento linguístico, isto é, existe a preocupação com a formulação verbal. Ao contrário da LF, a LE é mais previamente planejável, já que pressupõe a articulação tanto de ideias como de dados linguísticos. Como consequência, característica marcante da escrita é, de um modo geral, não fornecer pistas, marcas aparentes, a respeito do processo de criação.

Para Chafe (1985, p.106), a *unidade de ideia* expressa a totalidade de informação a que uma pessoa pode prestar atenção e que pode verbalizar confortavelmente, configurando-se, nesse sentido, como o ponto de partida para a caracterização da LF e LE. A escrita, historicamente posterior à fala, apresenta a unidade de ideia claramente, por meio da organização intuitiva dos temas e das marcas de pontuação: o resultado é uma significativa extensão e maior complexidade do texto escrito. Diferentemente, no caso da LF, a própria identificação sintática dos enunciados já é mais difícil e as unidades de ideia se apresentam com relativa independência. Cumpre salientar que, devido à nossa opção metodológica pela visão textual-interativa, a designação de *tópico discursivo* é preferível à de unidade de ideia.

A LF se perde tão logo é produzida, ao passo que a LE permanece indefinidamente, revelando-se como um objeto estático. Isto quer dizer que a inovação linguística se reflete mais na fala, enquanto o conservadorismo, mais na escrita.

Jubran (1994, pp.67-8), chamando a atenção para a relação entre interação face a face e dialogicidade no texto falado, estabelece dois tipos de dialogicidade: (1) como alternância de turnos, conceito aplicável à LF, graças às circunstâncias próprias de sua produção, marcadas por maior interação dos interlocutores, favorecendo a troca dinâmica de papéis entre falante e ouvinte; (2) como presença da voz do outro na construção do próprio texto. Nesse segundo tipo, não se distinguem LF e LE, uma vez que a dialogicidade é o princípio do ato comunicativo em si, via escrita ou oral: quando falamos ou escrevemos, sempre o fazemos em relação ao discurso do outro.

Especificamente no tocante ao texto falado, a chamada interlocução ativa, resultante do envolvimento entre falante e ouvinte, torna possível a atuação direta dos participantes de uma conversação na própria elaboração linguística do texto que está em processo. Essa construção verbal conjunta do texto falado é o chamado processo de co-autoria, que se manifesta, na materialidade textual, através de marcas próprias de sua produção.

3. Carta de leitor: um gênero jornalístico específico

O *Manual Geral de Redação*: Folha de São Paulo (1987) concebe as cartas (todas respondidas ou publicadas) como instrumentos que existem para que os leitores possam expressar seus pontos de vista. A partir de uma postura altamente valorizadora da figura do leitor, em função de quem os jornais e as revistas existem, Melo (1994) analisa a existência e funcionalidade das “cartas de leitores”. Para ele, o leitor deveria constituir o principal foco de atenção daqueles que produzem informações de atualidade para a imprensa, já que representa o outro polo do processo jornalístico: a recepção, o conhecimento e o confronto da informação com o seu referencial comunitário.

Fazer com que o jornalismo se converta numa prática comunicativa (bidirecional) tem sido um desafio. Justamente aí entra a *carta de leitor*, que Melo concebe como um elemento paliativo diante dessa situação: “resta ao cidadão recorrer à *carta*, como um recurso para expressar seus pontos de vista, suas reivindicações, sua emoção. Trata-se de um recurso possível, mas nem sempre viável. Pois depende dos mecanismos inerentes à instituição jornalística para lograr êxito” (1994, p.175).

Por apresentar tais peculiaridades e por constituir-se como um evento comunicativo complexo, é que nos propusemos a descrever e analisar a parentetização nessa modalidade de língua escrita, que é a carta de leitor.

4. Realizações Parentéticas em Cartas de Leitores a Jornais e Revistas

4.1. Conceito de parênteses em abordagem linguística de natureza não textual-interativa

Constatamos que, de um modo geral, não há, na tradição gramatical, um espaço reservado às frases parentéticas. Apenas são mencionados e explicados os parênteses, quando se trata do tema “pontuação”.

Ao tratar da distinção entre orações dependentes e independentes do ponto de vista sintático, Bechara (1970) faz a inclusão, dentro das independentes, das chamadas *intercaladas*. Também Othon M. Garcia, em uma das primeiras edições de seu *Comunicação em Prosa Moderna*, segue os passos de Bechara. No entanto, em edição mais atualizada (1980), dá um passo a mais no sentido quanto à investigação da parentetização. Insere o estudo das frases parentéticas ou intercaladas dentro do tópico sobre a feição estilística da frase. Mesmo observando que as frases parentéticas se constituem como “um pensamento em surdina”, toma como único critério para sua identificação a ausência de travamento sintático e limita o seu estudo ao âmbito frasal.

4.2. Conceito de parêntese dentro da perspectiva textual-interativa

Mesmo trabalhando com uma modalidade de texto escrito (as cartas de leitores a jornais e revistas), tomamos por base os trabalhos de Jubran (1993, 1996^a, 1996^b e 1998) sobre a parentetização na língua falada, cujo prisma de análise é a ótica textual-interativa. O estudo da parentetização aparece num contexto mais amplo, o da inserção, concebida tanto como uma estratégia do texto falado como uma característica do texto escrito. O trabalho com unidades transfrásicas leva a constantes reavaliações dos conceitos difundidos por uma gramática em que a frase é o limite máximo de análise. Impõe-se, portanto, a necessidade de reconsideração do conceito de frase parentética.

A reavaliação dos fatos parentéticos à luz da visão textual-interativa, no sentido de extrapolar o limite frasal, deve-se à observação dos fatos de parentetização no contexto de uma unidade textual, o *tópico discursivo*, que “decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, [...]” (Koch).

Os traços definidores do tópico discursivo são, portanto, a *centração* e a *organicidade*. A propriedade tópica de centração manifesta-se por meio de enunciados formulados pelos interlocutores sobre um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. Torna-se possível, a partir dessa concepção textual-interativa de tópico discursivo, delimitar segmentos textuais distribuídos linearmente nos textos falado e escrito, bem como detectar inserções em seu

interior, uma vez que elas suspendem, em maior ou menor espaço de tempo, a centração desses segmentos, desviando-se do tópico neles pontualizado como focal (o que confere a elas a natureza de interpolação). Nesse sentido, a centração se configura como parâmetro de análise, não só da delimitação de unidades tópicas, no contexto das quais se inserem fatos de parentetização, bem como para o reconhecimento desses fatos.

O critério tópico aplicado ao segmento interposto leva à constatação de duas modalidades de inserção. Em uma, de maior extensão textual, o encaixe tem estatuto tópico, pois instaura outra centração dentro do segmento-contexto, ocasionando a cisão em partes não contíguas na linearidade do texto. O elemento intercalado, nesse caso, apresenta as mesmas propriedades do elemento contextualizador. Numa outra modalidade, de menor extensão textual, o encaixe efetuado não tem estatuto tópico, uma vez que não preenche a particularidade da centração, ou seja, não projeta e não desenvolve um tópico discursivo em determinado ponto do texto falado. Os encartes têm, assim, natureza diferenciada em relação ao seu contexto, apresentando propriedades e funções específicas.

Os parênteses integram-se nessa segunda modalidade de inserção, pelas seguintes razões: a) caracterizam-se como breves desvios do quadro de relevância tópica do segmento contextualizador; b) não afetam a coesão da unidade discursiva dentro da qual ocorrem; c) não promovem a cisão do tópico em porções textuais nitidamente separáveis; d) logo, sua interrupção é momentânea e a retomada imediata.

O estudo da parentetização sob a visão textual-interativa de tópico discursivo amplia e remodela o conjunto de fatos de inserção que podem ser considerados dentro da classe dos parênteses, também na língua escrita, como no caso específico de cartas de leitores. É o que podemos comprovar a partir da comparação entre os dois trechos abaixo transcritos, em que ficam evidentes essas duas perspectivas de análise - frástica e transfrástica:

(1) “Excelente a foto de Wilson Pedrosa, capa do *Estadão* de ontem, na qual o pop-star Fidel Castro - **aquele que matou 45 mil cubanos em nome de suas convicções** - aparece ladeado, quase agarrado, por um fã que há seis meses declarou não gostar de ditadores! Se mentira pagasse imposto nesse país, o déficit fiscal já estaria resolvido há séculos... Hermínio Silva Júnior (hsilvajr@uol.com.br.), São Paulo.” (Fórum dos Leitores: Cimeira, *OESP*, 1º/07/99)

(2) “A democracia de conveniência da *Folha* mais uma vez funcionou no editorial ‘Década perdida na UNE’ (pág. 1-2, Opinião, 7/7). O jornal abusa do preconceito contra o PC do B, falta com a verdade e tenta deslustrar a trajetória impecável de um partido que sempre lutou pela democracia e pelos direitos da nação. Propositadamente, mistura a UNE com o partido e carrega na credence de que a democracia só vale se for nos moldes liberais - na qual quem manda é o poder econômico. É o velho discurso elitista, que despreza a democracia participativa, o debate e os meios de todos participarem verdadeiramente da resolução das demandas sociais. **Não creio que este texto será publicado. Talvez a democracia de conveniência da Folha não permita. Isso já aconteceu outras vezes.** Mas pelo menos fica registrado aqui para a Redação uma opinião diferente do pensamento único que tomou conta do mundo dominado pelo poder econômico e que, embora a *Folha* negue, predomina na sua linha editorial. Osvaldo Bertolino (São Paulo, SP)” (Painel do Leitor: UNE e PC do B, *FSP*, 9/7/99)

O primeiro caso, perfeitamente classificável como parêntese no sentido convencional da gramática não-textual, apresenta a frase - *aquele que matou 45 mil cubanos em nome de suas convicções* - inserida na frase *o pop-star Fidel Castro aparece ladeado, quase agarrado, por um fã*. Como se nota, o parêntese não conturba a estruturação sintática da unidade frástica em que se insere. A frase em que ocorre a inserção tem seus constituintes apenas separados pela unidade parentética, de modo que o SN (*o pop-star Fidel Castro*) vem antes do segmento inserido e o SV (*aparece ladeado, quase agarrado, por um fã*), imediatamente depois.

Quanto ao segundo trecho, percebe-se outra realidade. Concebe-se aqui o segmento parentético não apenas como uma frase, canonicamente, inserida em outra. Trata-se, sim, de frases não inseridas noutra frase, o que se faz notar, inclusive, pelo próprio recurso da pontuação: antes do segmento parentético (*Não creio que este texto será publicado. Talvez a democracia de conveniência da Folha não permita. Isso já aconteceu outras vezes.*), todo um período sintático (*É o velho discurso elitista, que despreza a democracia participativa, o debate e os meios de todos participarem verdadeiramente da resolução das demandas sociais.*); após o parêntese, outro período (*Mas pelo menos fica registrado aqui para a Redação uma opinião diferente do pensamento único que tomou conta do mundo dominado pelo poder econômico e que, embora a Folha negue, predomina na sua linha editorial.*). Não se verifica aqui, como no primeiro caso analisado, a

continuidade sintática da frase suspensa pelo parêntese. Nesse caso, a inserção rompe o curso do tópico - e não meramente uma unidade frasal -, para instaurar uma avaliação sobre o próprio processo interativo. Com base na ótica textual-interativa, tanto o primeiro quanto o segundo casos se configuram como fatos de inserção parentética, porque têm em comum a peculiaridade do desvio tópico. O traço de unidade frásica que comporta a inserção não é, por si só, definidor do mecanismo de parentetização.

4.3. Desvio tópico: propriedade definidora dos parênteses

A definição de parênteses, sob a ótica textual-interativa, fundamenta-se na propriedade do desvio tópico. O fato de os parênteses serem um breve desvio do tópico discursivo em pauta, de maneira alguma, pode fazer supor um desvinculamento das inserções em relação à porção textual que as circunscreve e contextualiza. Os parênteses têm importante função no estabelecimento da significação, de base informacional, sobre a qual se funda a centração do segmento-contexto. Isto se deve ao fato de que, no intervalo da suspensão tópica, eles promovem avaliações e comentários laterais sobre o que está sendo dito, e/ou sobre como se diz, e/ou sobre a situação interativa e o evento comunicativo. Ao congregarem valores dessa natureza, que atrelam o que é dito na situação do dizer, os parênteses desempenham uma função pragmática, constituindo-se como um dos recursos pelos quais a atividade interativa projeta-se no texto de maneira concreta.

A partir da visão textual-interativa, o desvio tópico, caracterizador da parentetização, se constitui como o primeiro critério de identificação de inserções parentéticas. Por isso, é necessário considerar que a definição de parênteses é relacional: sua caracterização como elemento encaixado e desviante só se ressalta por oposição a um contexto, recortado com base na dominância do tópico discursivo. A parentetização implica, portanto, uma etapa inicial de delimitação do contexto tópico, para que, num segundo momento, se possa verificar a suspensão tópica ocasionada pelo encaixe no interior do contexto. Observe-se:

(3) “(61/1999) Kathleen Batista não permaneceu internada na emergência do Hospital do Andaraí. Ela estava internada no Centro de Tratamento de Queimados (CTQ), pois apresentava queimaduras que cobriam 24% de seu corpo, atingindo as vias respiratórias. Deu entrada no hospital em 13/3 e ficou até o dia 20/3, quando faleceu. Portanto, não morreu no dia seguinte à sua chegada. O quadro de infecção da paciente evoluiu com progressiva dificuldade respiratória. Os registros no livro de ocorrência do CTQ pelo doutor Rogério Marques não impediram que ele também escrevesse no seu prontuário que o respirador infantil estava disponível, mas tinha optado por uma conduta expectante. Causa estranheza que informações sigilosas (**artigos 102 e 103 do Código de Ética Médica**) tenham sido encaminhadas à imprensa. Fato que será apurado na sindicância que investiga o óbito de Kathleen. Nenhum paciente seria removido de um município para outro se o caso não fosse grave. Divisão de Comunicação Social do Ministério da Saúde, Coordenação Geral das Unidades Hospitalares Próprias no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. *N. da R.: Na reportagem, tomamos como base o livro de ocorrências da emergência do Hospital de Andaraí, no qual o médico descreve as tentativas para salvar a vida de Kathleen na madrugada de 20 de março. No relato, o médico afirma que a unidade não tinha respirador infantil, equipamento fundamental para tratar uma criança com insuficiência respiratória. O prontuário da paciente não foi liberado para a imprensa nem para a Procuradoria da República, que investiga essa e outras mortes causadas por negligência na rede pública federal do Rio.*” (Cartas: Saúde, *Época*, 2/8/1999)

O recorte do segmento-contexto, tanto na língua falada como na escrita, toma por base a propriedade tópica da centração, que engloba os traços definidores de concernência, de relevância e de pontualização. No caso específico das cartas de leitores, os segmentos textuais já se encontram topicamente organizados, pois são intitulados, pela própria Redação dos jornais ou das revistas, em função do assunto que recobrem.

A concernência se caracteriza pela relação de interdependência semântica entre enunciados, que os integra em um conjunto temático. Em (3), verifica-se tal integração na construção do tópico “Saúde”, sobre o qual se centra a carta. A inter-relação dos enunciados se dá por meio da coesão lexical estabelecida pela presença de lexemas do mesmo campo conceitual (*internada, emergência, Hospital, Tratamento, Queimados, queimaduras, corpo, vias respiratórias, faleceu, paciente, dificuldade, respiratória, doutor, prontuário, respirador, expectante, óbito, caso, Saúde, salvar, vida, médico, insuficiência*). Esses lexemas estabelecem um recorte semântico, que circunscreve o tema “saúde”. Para o estabelecimento da concernência entre enunciados, concorrem, ainda, os mecanismos de junção e os articuladores textuais (*pois, e, quando, portanto, se, no qual*), que “costuram” a estrutura desse segmento.

A relevância do tópico discursivo “Saúde” decorre da posição focal assumida pelos seus elementos constitutivos, o que se comprova pela observação dos temas e remas dos enunciados. Os temas (anaforicamente referidos ao sintagma Kathleen Batista), na sua maioria, são representados pelo pronome *ela* (ou a presença implícita do mesmo, na forma verbal de 3ªp.sing., como em *apresentava, faleceu*, etc.), bem como pelos lexemas *doutor* e *imprensa*. A esses temas, que projetam a unidade tópica “Saúde”, ligam-se remas que expressam a dominância do tópico, na medida em que: (a) detalham o quadro clínico da paciente Kathleen Batista (pelo produtor da carta, Ministério da Saúde): *permaneceu internada na emergência do hospital do Andaraí, estava internada no Centro de Tratamento de Queimados (CTQ), apresentava queimaduras que cobriam 24% de seu corpo, atingindo as vias respiratórias*, etc.; (b) avaliam sobre a responsabilidade médica no óbito da paciente (pelo produtor da carta, Ministério da Saúde e pelo produtor da resposta à carta, a Redação da revista *Época*): *tinha optado por conduta expectante, investiga o óbito, (não) seria removido de um município se o caso não fosse grave*, etc.; e (c) ponderam sobre a ética da imprensa na divulgação dos fatos (pelo Ministério da Saúde e pela Redação da revista): *tenham sido encaminhadas à imprensa, será apurado na sindicância, não foi liberado para a imprensa*.

As marcas de concernência e relevância mencionadas tornam o trecho em análise uma unidade coesa e coerente. São, portanto, imprescindíveis para demarcação do contorno dessa unidade textual, que se distingue das adjacentes por mudança de centração. No caso de fragmentos da língua falada, basta observar os trechos imediatamente contíguos ao destacado, para que se evidencie tal mudança de centração. Em nosso caso específico, cartas de leitores a jornais e revistas, uma modalidade da língua escrita, não tivemos sequer o trabalho de delimitar a unidade tópica, já que as cartas vêm intituladas estrategicamente com o tópico que as recobre. De qualquer forma, vale notar a mudança de centração tópica pela simples observação de outras cartas a essa adjacentes... Trata-se da terceira característica da centração - a pontualização: localização do segmento tópico em um determinado momento do texto falado (ou escrito). Este se caracteriza, portanto, como o primeiro momento para o estudo dos parênteses: o recorte do segmento contextualizador dentro do qual se realizam as inserções, ou, mais especificamente em se tratando das cartas de leitores, as marcas pelas quais os três traços da centração tópica se atualizam no segmento textual em questão.

Com base no critério do desvio tópico, provocador da interrupção momentânea do tópico discursivo do segmento-contexto, tem-se a segunda etapa da análise da parentetização, que envolve a identificação e a delimitação da inserção parentética. O segmento destacado, em (3), não é concernente com o tópico relevante do segmento-contexto, porque desvia o foco desse segmento (“Saúde”), fazendo-o voltar-se para o *Código de Ética Médica*. Indiciam esse desvio do tópico discursivo: (a) a alteração do tema dos enunciados *ela* (presente antes e depois do encarte parentético), para a alusão aos *artigos do Código de Ética*; (b) o desaparecimento de remas especificadores do histórico clínico de Kathleen Batista, que se verificam antes e depois do parêntese; (c) a substituição desses remas, não por remas explícitos dos *artigos 102 e 103 do Código de Ética Médica*, mas pelo que chamaríamos de “remas implícitos” do *Código de Ética Médica*, já que se instaura uma certa ironia pela simples menção, num texto sobre possível negligência médica, aos princípios de *Ética Médica*. Noutras palavras: a centração tópica desloca-se da saúde (de Kathleen Batista) para o que os centros médicos *deveriam ou não fazer, do ponto de vista ético*. Isso é o que seria o rema em suspenso, inferido, localizado, inclusive, num ponto estratégico do desenvolvimento tópico (mesmo momento em que se faz referência ao fato de que informações sigilosas chegaram clandestinamente à imprensa). É como se se dissesse: “os artigos 102 e 103 do Código de Ética Médica *prescrevem que os possíveis problemas da classe médica sejam resolvidos dentro da própria classe e por pessoas que tenham ética...*”

Assim destacado e diferenciado de seu contexto, o parêntese em estudo a ele se integra, uma vez que traz para dentro do texto explicitações sobre a situação enunciativa, com implicações sobre a significação das proposições tópicas vizinhas. A princípio, esse parêntese poderia até ser interpretado como desconectado, solto, do texto, por parte de um leitor menos avisado. No entanto, além de esclarecer as proposições tópicas adjacentes, ele instaura o ponto de vista corretivo do sujeito da enunciação (a Coordenação Geral das Unidades Hospitalares Próprias no Rio de Janeiro, do Ministério da Saúde). Coloca-se assim, via segmento parentético, o foco da inserção parentética: o conteúdo tópico, com vistas a um comentário com nuances de ironia. Ao leitor cabe a interpretação do que as palavras contidas no parêntese não dizem, mas sugerem. Em menor escala do que quando se trata de textos falados, podemos vislumbrar também aqui uma dimensão pragmática desse parêntese em estudo: ao recuperarmos a situação de enunciação desse texto escrito, supomos que a inserção do parêntese (mais planejável do que em língua oral) seja considerada

imprescindível, por parte de quem o enunciou, para o entendimento do texto, por parte de quem virtualmente o interpretará, caracterizando-se tal fato como uma marca do processo interacional, sinalizador relações interpessoais entre produtor e receptor de texto.

4.4. Inserções parentéticas e suas marcas formais

4.4.1. No Segmento Parentético

À propriedade do desvio tópico, identificadora dos parênteses, juntam-se marcas formais prototípicas de elemento inserido, que funcionam igualmente como critérios de reconhecimento e delimitação de fatos parentéticos: ausência de conectores do tipo lógico que venham a estabelecer relações lógico-semânticas entre os parênteses e o segmento onde se encartam e frequentes pausas antes e depois do encaixe, com pontuação adequada.

No conjunto de 80 parênteses detectados num corpus formado por cartas de leitores a jornais e revistas, em apenas quinze casos (ou 19,73%) verificamos a presença de partículas introdutoras do segmento parentético. E nesses casos em que aparecem, a maioria tem estatuto de marcador discursivo (*e, aliás, até para*) ou, em menor escala, consistem em uma modalidade de operador argumentativo (*o que, isso, esse, já que*), que encadeia atos de fala, de forma que o ato de fala expresso pelo parêntese justifica a pertinência da enunciação do que é escopado pela inserção. Tais dados demonstram que, na fronteira inicial de segmentos parentéticos, efetivamente, não há quaisquer conectivos que possam promover nexos lógicos com as proposições condutoras do tópico discursivo e, a partir do que pudemos inferir, os parênteses não são atados a elas. Isto confirma a propriedade particularizadora do desvio tópico da parentetização.

No que diz respeito à parentetização na língua falada, sabemos que as marcas prosódicas se configuram - ao lado do desvio tópico, das pausas antes e depois do encarte e da ausência de conectivos lógico-semânticos - como um indicador prototípico da parentetização. Nessa pesquisa, em que trabalhamos com um corpus de língua escrita (as cartas de leitores), obviamente que não pudemos tomar como base esse critério prosódico. No entanto, chamou-nos a atenção o emprego, por parte do próprio produtor do texto (e cumpre salientar que não acrescentamos ou retiramos qualquer pontuação demarcatória do que consideramos como segmento parentético), de sinais de pontuação apropriados para assinalar uma informação paralela. Em todos os 80 casos estudados, constatamos a existência de pontuação demarcatória: no caso de não ser no início e no final, ou só no início, ou só no final.

Na língua falada, as marcas prosódicas da parentetização (mudança na velocidade e na tessitura de um dado recorrente nos parênteses) criam um contraste entre o parêntese e o seu contexto, fortalecendo a coesão textual. O mesmo não se verifica em língua escrita. Isso, porém não impede que venhamos a conceber a presença de pontuação demarcatória do segmento parentético também como um fato coesivo, à medida que alerta o leitor para a conexão que existe entre o tópico e o parêntese. Há, na língua escrita, a clara intenção do produtor de marcar com pontuação as informações paralelas (os parênteses), o que, de certa forma, se atrela às próprias condições do discurso escrito: mais previamente planejado.

Quanto às pausas circundantes ao segmento parentético - frequentes, mas facultativas no discurso oral - no caso das cartas de leitores, acentuadamente frequentes, sobretudo se as concebemos como Mattoso Camara (1988, p.194): “os sinais gráficos de pontuação destinam-se a indicar na escrita a pausa da linguagem oral”. Apenas a leitura, de fato, demonstraria se são realmente empregadas...

Outro fato a considerar é o de que os segmentos parentéticos do *corpus* de cartas de leitores, delimitados pelos sinais gráficos de parênteses ou travessões, se configuraram, geralmente, como mais desviantes do tópico do que aqueles demarcados simplesmente pelas vírgulas. Traduzindo pausas mais contundentes (em relação à vírgula), os sinais gráficos de parênteses e travessões, com certa sistematização, encerraram desde esclarecimentos crítico-opinativos, com foco no contexto tópico, a observações sobre o próprio ato de interação verbal, casos estes em que a vírgula se mostrou pouco frequente. Isso nos leva a arriscar a observação de que à representação gráfica de pausa acentuada corresponderia um desvio maior da centração tópica. A este respeito, Garcia (1980, p.108), ao observar que as frases parentéticas podem vir entre vírgulas, travessões ou entre parênteses mesmo, salienta também que o emprego desta última possibilidade ocorre somente quando a frase está radicalmente dissociada do contexto lógico do período. Dentro desta nossa perspectiva, seria dissociação em relação ao segmento-contexto, e não ao período, já que operamos com unidades transfrásticas.

4.4.2.No Segmento-Contexto

Uma vez que o desvio parentético só é observável em relação à unidade textual na qual ele se manifesta, são frequentes, mas não necessariamente verificadas, no segmento-contexto, marcas de ruptura momentânea do desenvolvimento do tópico discursivo, que indiciam a inserção. Há os mais variados sinais, de suspensão e retomada tópica, ocorrentes nas adjacências do elemento encaixado.

Com a finalidade de se estabelecer o detalhamento desses sinais, fez-se inicialmente uma segmentação, em três partes, do trecho tópico em que são registrados os fatos de parentetização: E1 - segmento anterior ao parêntese; E2 o parêntese; E3 - segmento posterior ao parêntese, que restabelece o tópico em pauta em E1, dando-lhe continuidade. Delomier e Morel (apud Jubran:1998) propõem essa segmentação e entendem que E é um termo geral para designar um enunciado, que pode ser tanto uma frase, como uma unidade superior à frase ou um segmento de frase. É fundamental, dentro desta análise, tal elasticidade do conceito de enunciado, já que a constituição dos parênteses é bastante variável, bem como a das proposições tópicas que se constituem como seu escopo.

Num momento posterior à segmentação, foi observado o conjunto E1-E2, formador pelo contexto tópico rompido pelo parêntese. Para a constatação de ocorrência de marcas desse rompimento no âmbito desse conjunto, foram focalizados especificamente os enunciados próximos à inserção. Com base na observação do corpus de cartas de leitores, essa análise evidenciou as fronteiras em que se interpolam fatos parentéticos: a) no interior de uma frase simples; b) no limite entre duas frases.

No caso de o parêntese encaixar-se no interior de uma frase simples (51 casos, ou 63,75%), a continuidade sintática entre E1 e E3 está assegurada, de maneira que E3 prossegue o tópico suspenso por E2 a partir do ponto de incidência de corte em E1, sem quebrar a estrutura sintática em processamento antes do parêntese. As relações sintáticas estabelecidas entre os constituintes do sintagma oracional onde se opera o inciso garantem a coesão entre E1 e E3, marcando, por outro lado, o estatuto parentético de E2. As posições mais frequentes ocupadas por E2 na frase são: (1) entre SN e SV (32,50% dos casos analisados) (caso 4); (2) no interior de SV (21,25%) (caso 5); e (3) no interior de SN (10%) (caso 6):

(4) “Maluf não vai poder fazer política durante três anos. Ufa! Três anos sem Maluf! Bem que poderiam ser uns 30”! E aquele deputado Hanna **sei lá o quê...** vai sair da jogada também! Parece que vivemos um sopro de justiça de Primeiro Mundo. Parabéns, Brasil! Cristiano F. de Barros (cfbarros@nvcnet.com.br.), São Paulo. (Fórum dos Leitores: [Faxina Moral](#), OESP, 1º/07/99)

(5) “Fui ‘premiado’ com um dos descuidos do sr. José Simão, na edição de ontem, 7/7, (Ilustrada). Não sei de onde esse sr. tirou a idéia de que sou um ‘professor tucano’. Posso ter um nariz um pouco mais pronunciado, mas daí a confundir-lo com o bico do pássaro governista a distância é grande. O macaco está ruim da vista. E mais: iniciar o comentário com ‘um leitor me disse’ parece-me um tanto irresponsável. Sugiro ao sr. Simão que ouça a gravação da entrevista, antes de tirar, **e publicar**, suas conclusões. Claro, se o macaco estiver bom de ouvido. Hélio Zylberstajn, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP e pesquisador da Fipe - Fundação Instituto de Pesquisa Econômicas (São Paulo, SP)” (Painel do Leitor: [José Simão](#), FSP, 8/7/99)

(6) “Foi, pois, com base nesse entendimento jurisprudencial, **exarado pela mais alta corte judiciária do País**, que a defesa da União, por mim subscrita, procurou demonstrar a legitimidade do ato de banimento do autor da ação, por haver sido editado pelo comando revolucionário que, naquele momento, era o poder constituído do País. Geraldo Magela da Cruz Quinhão, advogado-geral da União, Brasília.” (Fórum dos Leitores: [Em defesa da União](#), OESP, 20/08/99)

A segunda fronteira observada no caso dos parênteses encontrados nas cartas de leitores, é a do parêntese que se insere no limiar entre duas unidades frasais (29 casos, ou 36,25%) . Existem, nesses casos, marcas de inserção em duas situações. Na primeira, tais unidades formam uma frase complexa, e a segunda delas é introduzida ou por conectivo ou pronome relativo, que assinala os vínculos sintáticos entre E1 e E3, e, em consequência, E2 ressalta-se como segmento encaixado nessa estrutura, à semelhança do que se verificou no interior de frase simples, conforme exemplos (7), (8) e (9) arrolados a seguir.

(7) “A carta *Sem remédio*, do leitor sr. Ervenne Simoncelli, nos causa pena e revolta. Todo aposentado, com a debilidade natural do passar dos anos, tem grande probabilidade de necessitar de remédios, e é um grande desafio não dispor de recursos para adquiri-los (**já que não é um dos privilégios que consomem proporção absurda da receita**) ou não encontrá-los assistencialmente. Décadas de demagogia política criaram benesses e absurdos que o sr. Ervenne, no meio de milhões, ajuda a pagar, prejudicando o correto contribuinte. Político brasileiro, infelizmente, só dá ‘prejuízo na bolsa’. André Charles Frohnecht, São Paulo.” (Fórum dos Leitores: [Desaforo](#), OESP, 07/07/99)

Nesse exemplo acima referido, temos a interrupção do tópico no término de uma unidade oracional, mas a continuidade do mesmo, após a inserção parentética, é assegurada, principalmente, pela presença do conectivo *ou* (marcador de retomada tópica)

Já em (8), o parêntese ocupa uma posição entre frases não conectadas do ponto de vista sintático, mas, sim, topicamente. Nesses casos, mecanismos de reintrodução tópica ocorrentes em E3 (*Mas pelo menos*) articulam E3 com E1, constituindo-se como marcas, no segmento-contexto, da parentetização de E2:

(8) “A democracia de conveniência da *Folha* mais uma vez funcionou no editorial ‘Década perdida na UNE’ (pág. 1-2, Opinião, 7/7). O jornal abusa do preconceito contra o PC do B, falta com a verdade e tenta deslustrar a trajetória impecável de um partido que sempre lutou pela democracia e pelos direitos da nação. Propositadamente, mistura a UNE com o partido e carrega na credence de que a democracia só vale se for nos moldes liberais - na qual quem manda é o poder econômico. É o velho discurso elitista, que despreza a democracia participativa, o debate e os meios de todos participarem verdadeiramente da resolução das demandas sociais. **Não creio que este texto será publicado. Talvez a democracia de conveniência da Folha não permita. Isso já aconteceu outras vezes.** Mas pelo menos fica registrado aqui para a Redação uma opinião diferente do pensamento único que tomou conta do mundo dominado pelo poder econômico e que, embora a *Folha* negue, predomina na sua linha editorial. Osvaldo Bertolino (São Paulo, SP)” (Painel do Leitor: UNE e PC do B, FSP, 9/7/99)

Essas marcas de parentetização presentes no segmento-contexto operam, portanto, no plano textual do segmento tópico, que, tendo sido suspenso em algum ponto pela inserção, tem sua continuidade assinalada, ou por marcadores discursivos, ou por estratégias de construção textual, ou ainda pela coocorrência desses dois recursos. Os marcadores discursivos de retomada tópica funcionam como nexos coesivos entre E1 e E3, atuando na estruturação intratópica, e indiciando, na fronteira final do parêntese, a progressão do tópico momentaneamente interrompido. Comportam, assim, o traço de sequenciador tópico.

Jubran (1998) observa que “as estratégias de construção de texto pelas quais se dá a retomada tópica, após parênteses intercalados entre duas frases, são a repetição e a paráfrase”. A repetição, em E3 (caso 9), de itens lexicais - *ele (o presidente)* - ou sintagmas oracionais, geralmente situados no limite final de E1, tem como função, do ponto de vista da organização textual, colaborar com a coesão, firmando-se como uma forma explícita de marcar a reintrodução do tópico:

(9) “O Brasil virou um caos. Nosso país está em uma situação em que não se sabe mais o que há para fazer. Nas estradas brasileiras, houve uma ‘guerra’ entre a polícia e os caminhoneiros, que não se intimidam e continuam a bloquear todo o abastecimento de alimentos no Brasil. Para piorar a situação, as relações entre Brasil e Argentina não são das melhores. O Brasil está uma bagunça e o nosso presidente não sabe o que fazer. **Aliás, ele sabe.** Ele quer acabar com a pobreza. Rafael Isac Campos (Brasília, DF)” (Painel do Leitor: Pot-pourri à brasileira, FSP, 30/07/99)

Por outro lado, a paráfrase em E3, de segmentos presentes em E1, promove a reformulação desses segmentos, que ganham estatuto de matriz da paráfrase. O enunciado reformulador mantém, em menor ou maior grau, uma relação de equivalência semântica com a matriz, responsável pela articulação entre E1 e E3 e, conseqüentemente, pela continuação do quadro de relevância tópica anterior ao parêntese. Em (10), a retomada parafrástica (*tentam sobreviver e fazer sobreviver a classe pobre, reformulação de pescar*), juntamente com o marcador de sequencialidade tópica *de uma forma ou de outra*, reintroduzem no texto o tópico discursivo em desenvolvimento antes do encaixe parentético:

(10) “Grande preocupação a de ACM e FHC! Depois de quase oito anos, descobriram que existe, neste país, um batalhão de pobres e miseráveis! Semanas atrás, Fernando Henrique disse que o Comunidade Solidária não poderia ter uma atuação paternalista. Nas palavras do presidente, não se deve dar o peixe para o povo, mas ensiná-lo a pescar. Perdão, senhor presidente, mas o que o povo mais sabe fazer é justamente pescar! **E por pescar, entenda-se, trabalhar duro, com criatividade para driblar os problemas, a pobreza, a fome.** De uma forma ou de outra, camelôs, biscateiros, costureiras, perueiros, enfim, todos os que perderam seus empregos formais tentam sobreviver e fazer sobreviver a classe pobre. Tadeu Fernando Blanco (Guarulhos, SP) (Painel do Leitor: Fundo contra a pobreza, FSP, 29/7/99)

De acordo com o corpus de cartas de leitores, dos 29 casos de parentetização no limiar entre duas frases, sempre se constatou, no plano textual de construção do segmento tópico, a ocorrência, em E3, ou de

marcadores discursivos de retomada tópica (*que, e, mas, ou*), ou de estratégias de construção textual (repetição e paráfrase), ou a coocorrência desses dois fatores.

É também bastante significativo o fato de que a fronteira consideravelmente mais frequente para a inserção de E2 seja, no caso das cartas de leitores, a frase simples, mais especificamente entre SN e SV. Inevitável não estabelecermos, mais uma vez, uma relação dessa incidência de estrutura frasal canônica - como fronteira do segmento parentético - com a peculiaridade de o texto escrito ser mais previamente planejado.

4.5. A constituição formal dos parênteses das cartas de leitores

Nas cartas de leitores analisadas, constatou-se que a extensão dos parênteses é bastante variável - há os longos, médios e curtos. Como marcadores discursivos prototípicos ou unidades limítrofes à classe dos marcadores discursivos, encontramos apenas um caso, no *corpus* analisado (caso 11), de marcador da estruturação textual:

(11) “Na reportagem ‘Fantasmas na CPTM são investigados’ (Brasil, 2/7), faltam algumas informações fundamentais a respeito do assunto - informações que já haviam sido transmitidas ao repórter em 24/6. Ao citar o documento ‘Prestação de Serviços de Vigilância Patrimonial versão maio/97’, a reportagem atualiza os preços para maio de 98 e conclui que a CDHU está pagando 9,9% a mais. Acontece que estamos em julho de 99. Há mais de um ano, a *Folha*, por exemplo, custava R\$1,00, e não o R\$1,25 de hoje. Se aplicarmos à tabela de maio de 98 apenas a inflação média de 5% ao ano, chegaremos a R\$8,02. O preço pago pela CDHU, de R\$8,11, é apenas 1,12% superior a este, isso por não incluir apenas a equipe de vigilância, mas também carros, motoristas, coordenação e infra-estrutura necessária para o trabalho. Quanto a recomendações de preços feitas pelo Sindicato de Empresas de Segurança Privada, por favor, confirmam a informação: o sindicato não recomenda, não estipula, não sugere preços de venda, conforme documento em nosso poder. É preciso lembrar, **finalmente**, que tanto a CDHU quanto a CPTM fazem parte de um governo reconhecido pela seriedade, a tal ponto que suas contas foram publicamente elogiadas pelo Tribunal de Contas do Estado. Nem esse governo nem a Gocil se prestariam a expedientes do tipo apontado pela reportagem. Carlos Brickmann, da assessoria de imprensa da Gocil (São Paulo, SP)” (Painel do Leitor: CDHU, *FSP*, 7/7/99)

Se, de um lado, dentro do *corpus* de cartas de leitores, somente um parêntese pôde constituir a classe de marcadores discursivos, por outro lado, o mesmo não ocorre com os que são formados por sintagma nominal, a maioria, isto é, 68,75% dos casos analisados. Esse fato nos assinala que o discurso escrito, por ser mais previamente planejado, apresenta, na forma de informações paralelas e com certa sistemática, parênteses bastante curtos, fragmentos de frases simples. A comprovação dessa hipótese implicaria um estudo da parentetização em outras modalidades de língua escrita. A seguir, exemplos da ocorrência de parênteses constituídos por sintagma nominal, podendo ocorrer um (caso 12) ou mais de um sintagma (caso 13):

(12) “A maioria, **pessoas corretas, plenas de seus direitos**, não pode pagar pela desonestidade de alguns. Para as pessoas desapropriadas o que está em jogo é o seu patrimônio, o trabalho de vidas inteiras. Para a sociedade o que está em jogo é a precedência - estamos discutindo ‘o que deve ser feito daquilo que foi determinado pela lei’. Paulo de Atalyba Nogueira T. Sayão, São Paulo” (Fórum dos Leitores: Precatórios, *OESP*, 18/08/99)

(13) “A possível fusão das duas gigantes empresas do ramo de cervejaria - **Brahma e Antartica** - mostra um dos efeitos do processo de globalização: a necessidade de obtenção, por parte da indústria, de altíssima escala de produção, a fim de reduzir custos unitários. Entretanto, o governo deve avaliar se a referida fusão implicará ou não monopolização do setor, visto que as duas empresas detêm quase 80% do mercado nacional. A dúvida que está intrigando os consumidores é com relação ao novo nome da cerveja. Tenho uma sugestão: Brahmartica! Alexandre Ramalho, Campinas.” (Fórum dos Leitores: Brahma e Antartica, *OESP*, 07/07/99)

A terceira modalidade de constituição formal do segmento parentético, encontrada no *corpus* de cartas de leitores, é a de frase simples. À semelhança também do que ocorreu na análise da parentetização em textos falados, as frases de predicação verbal (caso 14) predominam sobre as construções com cópula (caso 15):

(14) “Sábado, dia 3/7, início do serviço telefônico para longas distâncias (SP, 15 e 21), minha casa foi acometida de incessantes ligações para cidades no estado de Pernambuco. Ocorre o seguinte: com a história do ‘faz um 21’, as pessoas estão fazendo as ligações sem utilizar o zero antes do número identificador da operadora e, com isso, meu telefone (que tem prefixo 210) está recebendo uma avalanche de ligações. Isso se deve ao fato de meu número de telefone ser 21081xx. Discam 21 pensando ser a Embratel, e 081 como prefixo de Pernambuco. É inadmissível e uma falta de respeito informar mal e ensinar de maneira incorreta (**‘faz um 21’**) um povo que não recebe estudo básico do

próprio governo, que não ‘pensa’ antes de agir. Libardi Colocero, São Paulo.” (Fórum dos Leitores: Fim do mundo, OESP, 07/07/99)

(15) “Ao ler o editorial ‘Sem se apequenar’ (pág. 1-2, Opinião, ontem), confesso que foi uma das poucas vezes em que discordei veementemente da posição assumida por esse jornal. Dizer que as concessões de benefícios para atrair a fábrica da Ford para a Bahia são casuísticas é não conhecer a realidade que é a presença maciça de jovens nordestinos trabalhando no Sul-Sudeste por falta de oportunidade de trabalho nos seus Estados de origem. É não conhecer a economia informal da classe menos favorecida por falta de empregos regulares e mesmo a inexistência deles. É desconhecer que a Bahia se prepara tecnicamente na área pública e privada como nenhum outro Estado. É apoiar a criação empregos em outros países em detrimento do nosso. É não contribuir para diminuir as desigualdades regionais. O senador Antonio Carlos Magalhães carrega a bandeira. Mas todos os baianos estão com ele. **E somos 12 milhões.** O presidente se apequenará, sim, se cometer tal injustiça com a Bahia e com o Nordeste. Carlos Suarez (Salvador, BA)” (Painel do Leitor: Ford, FSP, 8/7/99)

A quarta e última forma assumida pelos fatos parentéticos das cartas de leitores analisadas é a de frases complexas, cujas unidades podem ser meramente justapostas (caso 16) ou ligadas por elos sintáticos (*porque*, *e*, *que*) ou marcadores discursivos (caso 17), mais frequentes que as justapostas:

(16) “A democracia de conveniência da *Folha* mais uma vez funcionou no editorial ‘Década perdida na UNE’ (pág. 1-2, Opinião, 7/7). O jornal abusa do preconceito contra o PC do B, falta com a verdade e tenta deslustrar a trajetória impecável de um partido que sempre lutou pela democracia e pelos direitos da nação. Propositadamente, mistura a UNE com o partido e carrega na credence de que a democracia só vale se for nos moldes liberais - na qual quem manda é o poder econômico. É o velho discurso elitista, que despreza a democracia participativa, o debate e os meios de todos participarem verdadeiramente da resolução das demandas sociais. **Não creio que este texto será publicado. Talvez a democracia de conveniência da Folha não permita. Isso já aconteceu outras vezes.** Mas pelo menos fica registrado aqui para a Redação uma opinião diferente do pensamento único que tomou conta do mundo dominado pelo poder econômico e que, embora a *Folha* negue, predomina na sua linha editorial. Osvaldo Bertolino (São Paulo, SP)” (Painel do Leitor: UNE e PC do B, FSP, 9/7/99)

(17) “Creio que a análise feita no editorial *A política comanda o mercado* (13/8, A3), no qual se afirma que ‘o problema do Brasil não está na economia, mas na política’, confirma que, apesar dos 500 anos de Brasil, ainda prevalece o ‘poder’ sobre a nossa sociedade dos humores e interesses menores e pessoais dos membros da ‘corte’, que hoje não participa das festa com a ‘coisa pública’ na Ilha Fiscal do Rio de Janeiro, mas de ‘maracutaias’ e ‘esquemas’ que são articulados na nossa Brasília. Quando cruzamos essa análise com a excelente reflexão *Maravilhas da Informática* (12/08, A2), do escritor e jornalista Gilberto de Mello Kujawski, principalmente quando ele, citando Ortega, afirma que ‘por vezes os fatos transmitidos são falsos, ou totalmente ou parcialmente. Mesmo quando os fatos transmitidos não são falsos, a informação deixa de fora outra série de fatos silenciados’, podemos tentar entender a prática dos ‘jogos de poder’ dos políticos, ‘manipulados’ com o apoio, infelizmente, dos meios de comunicação. Com a leitura desses dois excelentes textos, podemos concluir que só quando os cidadãos conscientes lutarem para que se dê em nosso país prioridade total à educação (**o que, naturalmente, não interessa aos políticos, porque dessa forma teriam de enfrentar uma sociedade com capacidade de discernir e avaliar a ‘manipulação’ que realizam, pelas suas ambições de poder**) teremos uma Nação em que prevalecerá, de fato, a afirmativa que podemos ler em nossa Constituição, em seu artigo 1º, parágrafo único, que diz: ‘Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.’ Repetindo: ‘Todo o poder emana do povo ...’ Portanto, acredito que, somente quando a ‘maioria silenciosa’ passar a agir por intermédio de lobbies sérios e inteligentes, poderemos inverter essa equação e, assim, os 160 milhões de cidadãos de nosso Brasil vão poder comandar seus ‘representantes eleitos’ e, um dia, ainda vamos poder ler no *Estadão* um editorial com o título *O mercado comanda a política*.” (Fórum dos Leitores: “Jogos de poder”, OESP, 18/08/99). Jorge Luis dos Santos B. (jlsantos@gmkbrazil.com.br.), membro da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Adesg), São Paulo. “(Fórum dos Leitores: Jogos de poder, OESP, 18/08/99)

Já o recurso da adjacência, tão característico da língua falada, não foi encontrado em nosso corpus de análise. Isto se deve, obviamente, a que, sendo as cartas de leitores uma modalidade de discurso escrito, refletem, em escala bem menor do que a língua oral, os aspectos do processamento textual. Por essas mesmas razões e por tratar-se de uma modalidade escrita, não detectamos aqui também parênteses constituídos por sequências inseridas em mais de um turno.

5. Referências

- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 9 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.
- CÂMARA Jr, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CHAFE, Wallace L. "Linguistic differences produced by differences between speaking and writing." In: OLSON, D.R./TORRANCE, N./HILDYARD, A. (eds.). *Literacy, Language and Learning*. The Nature and consequences of reading and writing. Cambridge, Cambridge, University Press, 1985.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual Geral de Redação*. (2 ed. revista e ampliada). São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- JUBRAN, Clélia C. A. S. "Estratégias de construção textual - parentetização". (mimeo.): 1998.
- _____ "Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica." In: CASTILHO, A. (org.). *Gramática do Português Falado*. (vol.III) Campinas / São Paulo: UNICAMP / FAPESP, 1993.
- _____ "Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização". In: KATO, Mary A. (org.) *Gramática do Português Falado*. (vol. V - Convergência). Campinas / São Paulo: UNICAMP / FAPESP, 1996^b. (Série Pesquisas).
- _____ "Parênteses: propriedades identificadoras". In: CASTILHO, A. T. e BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do Português Falado*. (Vol. IV. Estudos Descritivos). Campinas / São Paulo: UNICAMP / FAPESP, 1996^a. (Série Pesquisas).
- _____ "Dialogicidade e co-autoria no texto falado." In: *Confluência* - Boletim do Departamento de Lingüística. (FCLA-UNESP). Assis-SP, 1994.
- KOCK, Ingedore G. V. et alii. "Projeto 'Gramática do Português Falado' - Subgrupo 'Organização Textual-Interativa'" (mimeo.)
- MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 2 ed. (rev.). Petrópolis: Vozes, 1994.
- RODRIGUES, Ângela C.S. "Língua falada e língua escrita." In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH / USP, 1993.